



Refletir sobre os resultados do acesso ao “Superior”



Sebastião Foyo de Azevedo
Prof. catedrático, reitor da Univ. do Porto

Foram conhecidos há dois dias os resultados da primeira fase do acesso ao Ensino Superior para 2015-2016. Deixo os leitores com três comentários para reflexão sobre este importante assunto:

Em primeiro lugar, merece relevo a melhoria de indicadores globais, nomeadamente o aumento

do número de estudantes colocados na primeira fase. É bom. Nunca será excessivo passar a mensagem, aos jovens e às suas famílias, da relevância dos estudos superiores para as carreiras destes jovens, mesmo que venham a trabalhar fora de fronteiras. Estudar, representa o maior investimento que se pode fazer no futuro.

Em segundo lugar, importa assinalar os resultados excecionais da Universidade do Porto, seja em valores absolutos, seja relativamente aos dos cursos congéneres a nível nacional: (i) 99,3% de preenchimento das vagas disponibilizadas; (ii) o índice de satisfação da procura (n.º de estudantes em primeira opção por vaga oferecida) mais elevado, 1,9; (iii) as classificações mí-



Continua evidente o problema estrutural da oferta nacional para formação superior: 222 cursos com 10 ou menos colocados, dos quais 48 com zero colocados. Este é um problema que persiste há décadas, transversal a vários governos

nimas mais elevadas em 36 dos 52 cursos que ofereceu. Estes resultados são consequência natural da percepção que a sociedade tem da qualidade do trabalho na Universidade do Porto. A qualidade percebida gera reputação. A reputação gera confiança. A confiança gera procura. A U. Porto vai receber generalizadamente o que de melhor temos na nossa juventude que de-seja aceder ao Ensino Superior.

Finalmente, “não há bela sem senão...”. Embora ligeiramente atenuado relativamente a anos anteriores, continua evidente o problema estrutural da oferta nacional para formação superior: 222 cursos com 10 ou menos colocados, dos quais 48 com zero colocados. Este é um problema que persiste

há décadas, transversal a vários governos, que os governos reconhecem, mas que não são capazes de resolver. Tenhamos a capacidade de promover políticas que aproveitem racionalmente os meios humanos e materiais valiosíssimos que continuam subutilizados. Fortaleçamos a diversificação da oferta, de modo a ir ao encontro das motivações e das competências dos nossos jovens. Criemos cooperação interinstitucional, nomeadamente sob a forma de consórcios. Neste enorme esforço de recuperação, nesta exigência nacional de crescimento económico, temos que ter a coragem e capacidade de reconhecer os problemas e de atuar no sentido de os eliminarmos.